

LÍNGUA CONHECIMENTO PRÁTICO PORTUGUESA

e
escala

EDIÇÃO 63 - PREÇO R\$ 5,90

A LINGUAGEM POÉTICA DE FERREIRA GULLAR

USOS ESTÉTICOS E EXPERIMENTAIS DO NOSSO LÉXICO



NOVO
ENSINO MÉDIO
UMA AVALIAÇÃO
DA REFORMA

RECUPERAÇÃO
OPORTUNIDADE
DE ESTUDO QUE
PRECISA SER
LEVADA A SÉRIO!

PEDAGOGIA
DO FUTURO
MÍDIAS DIGITAIS,
FERRAMENTAS
DA EDUCAÇÃO

FORMAÇÃO
TRANSDISCIPLINAR
CAEM AS FRONTEIRAS
ENTRE DISCIPLINAS
DIVERSAS

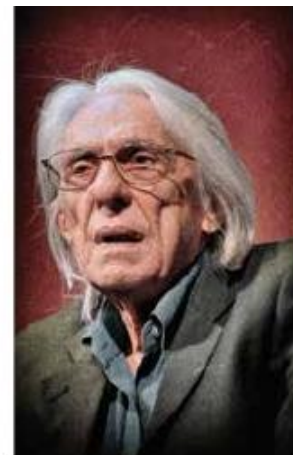
ALFABETIZAÇÃO MÉTODOS RENOVADOS PARA MUDAR ANTIGOS CENÁRIOS

58

Capa

FERREIRA GULLAR E A LÍNGUA PORTUGUESA: EXPERIMENTAÇÃO ESTÉTICA, LINGUAGEM ENGAJADA E LIRISMO TRÁGICO E SUBVERSIVO

“O último grande poeta brasileiro”, segundo Vinícius de Moraes. Gullar universalizou a língua portuguesa à medida que a experimentava na busca por novas formas de expressão. Com originalidade, procurou dar vazão a temas mais humanos, sendo o homem brasileiro e seus inúmeros problemas o foco. Por Anderson Alves Costa.



06

ALFABETIZAÇÃO: ENSAIANDO NOVAS CENAS PARA MUDAR ANTIGOS CENÁRIOS

Por Lilliane Martins Nunes da Silva. A cada nova estatística sobre o ensino no Brasil, os números não nos são favoráveis. E a alfabetização continua sendo um grande problema a ser solucionado. Enquanto a reforma não vem no nível macro, é o professor, dentro da sala de aula, o único responsável pela alfabetização dos alunos.



14

NOVO ENSINO MÉDIO: O QUE ENSINAR, COMO ENSINAR

Por Eugênio Cunha. A reforma do ensino médio proposta pelo governo federal continua sendo polêmica. Os que são contra reclamam, sobretudo, que não houve uma discussão mais aprofundada sobre as mudanças realizadas. Mas estará a sociedade apta a esta discussão? E as reformas? São tão ruins assim?



22

EXPLICAR MUITO ATRAPALHA APRENDER

Por Júlio Furtado. Ao tentar fazer com que os alunos cheguem às conclusões corretas, o professor pode correr o risco de interferir demais na capacidade de escolha dos alunos. Até que ponto deve-se induzir o aluno no processo do conhecimento?



24

RECUPERAÇÃO: CAUSA DA ORDEM OU REFORMULAÇÃO DE NOVAS POSSIBILIDADES?

Por Lilliane Nunes. Quando um aluno “passa de ano” significa que todo o empenho do professor teve sucesso. Mas e quando o aluno repete ou precisa de uma recuperação? É um momento delicado que precisa ser bem trabalhado.

Seções fixas

05
RETRATOS

64
ESTANTE

66
QUER TER
SEUS TEXTOS
PUBLICADOS?

10 PRÁTICA INCLUSIVA EM MATEMÁTICA: EXPERIÊNCIAS E POSSIBILIDADES

Por Ana Lúcia Mantique e Carlos Augusto Rodrigues Lima. Conheça o “Desafios para a Educação Inclusiva: pensando a formação de professores sobre os processos de domínio da Matemática nas séries iniciais da educação básica”, um projeto que investigou ações de formação continuada que favoreceram o ensino de Matemática na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental junto a estudantes com necessidades especiais.

24 JOGANDO E BRINCANDO – NOVAS PERSPECTIVAS

Por José Ricardo Martins Machado e Marcus Vinícius da Silva Nunes. Com a popularização dos jogos tecnológicos e o uso cada vez mais cedo pelas crianças de smartphones e tablets, os jogos e brinquedos “clássicos” estão perdendo espaço. Mas eles são importante ferramenta de desenvolvimento corporal e cognitivo

32 UMA PEDAGOGIA PARA O FUTURO

Entrevista com Angela Cristina Munhoz Maluf – Mestre em Ciências da Educação, Membro titular

da Associação Brasileira de Psicopedagogia. Um diálogo esclarecedor sobre o futuro da educação, que já chegou na forma da relação de professores e alunos com as novas tecnologias.

38 ...E AS FÉRIAS ACABARAM!

Entrevista com Denise Tinoco, pedagoga especialista em Educação Infantil e Psicopedagogia. Ela comenta sobre o período de férias e pós-férias escolares da gamitada, identifica este período como salutar e apresenta uma reflexão sobre o papel do professor neste contexto.

48 EM BUSCA DE UMA FORMAÇÃO TRANSDISCIPLINAR

Por Aline Fernanda Camargo Sampaio. A proposta transdisciplinar para a educação, ao encorajar a reconciliação das diferentes áreas do conhecimento, não exclui uma ou outra disciplina, uma vez que elas não são antagonicas, mas complementares.

48 A MINISTRA E O NOME “PRESIDENTA”


Por José Augusto Carvalho. A polêmica do presidente ou presidenta continua. Agora com a ministra Cármen Lúcia, eleita presidente do Supremo Tribunal Federal. Segundo se noticiou na imprensa, ela prefere “presidente” mesmo, retomando a discussão sobre qual é o certo e o errado.

50 SOME: GARANTIA DE EDUCAÇÃO PARA TODOS

Por Aradineí Gaió de Sousa. Um projeto nas cidades cercadas por regiões de selva na Amazônia mostra que é possível levar a alfabetização a todos. Nos 35 anos de funcionamento, o SOME foi ampliado para todo o estado do Pará, atravessou fronteiras e foi copiado para outros estados brasileiros e até outros países da América Latina.

52 ACABOU-SE A FESTA

Por Roberto Sarmento Lima. Comparando um poema e uma matéria jornalística quanto ao uso do pronome “se”, podemos descobrir mais coisas do que imaginamos quanto à riqueza e complexidade da língua Portuguesa.



O desenvolvimento de cor X

← → ↻ 🏠 <https://www.youtube.com/watch?v=3iSHPTtGONM>

Apps

☰ YouTube BR

SALA DOS PROFESSORES
REFLEXÕES E IDEIAS PARA O SUCESSO DE SUAS AULAS

Sala dos Professores

Início Vídeos Playlists Canais Discussão Sobre

EXPLICAR MUITO ATRAPALHA APRENDER

No ato de ensinar, o professor enfrenta momentos em que deve explicar menos para permitir que os alunos consigam desenvolver por si próprios a capacidade de solucionar desafios.

» por **Júlio Furtado***

Lembro-me bem de um episódio que me fez repensar profundamente o meu fazer em sala de aula. Pensando em ilustrar mais contextualmente as transparências que usava em minhas palestras para professores (na época o projetor multimídia ainda era projeto), pedi aos alunos de uma turma de sexta série (sétimo ano, atualmente) que criassem um desenho que simbolizasse o cérebro como lugar de guardar as coisas. Diante da constatação de que não tinham entendido o que eu queria, comecei a explicar a ideia de diferentes maneiras. O esmero foi tanto de minha parte que acabei citando, como exemplo, a imagem de um cérebro cheio de gavetas e adverti que era só um exemplo e que eu queria criatividade. Pedi que pensassem novos desenhos. Apossei

na criatividade dos alunos motivada pelo suposto prêmio que daria ao melhor desenho que, além disso, passaria a figurar nas minhas transparências de palestras e num livro que estava escrevendo na época.

Na semana seguinte, tive uma grande surpresa ao receber vários desenhos de cérebros com gavetas, variando apenas formatos, cores e tamanhos. Confesso que recolhi os desenhos bastante frustrado, pois esperava que surgissem modelos criativos para ilustrar minhas palestras. Quando saía da sala, Wellington, um menino de cerca de 12 anos interpelou-me dizendo que havia feito um desenho, mas chegara à conclusão de que estava errado. Pedi que me mostrasse tal desenho e, para minha surpresa, era uma ideia profundamente criativa. Wellington desenhou um cérebro

bro no lugar da CPU de um computador e explicou-me empolgado que é nessa parte do computador que ficam as memórias que guardam todos os dados. Perguntei por que achava que seu desenho estava errado e respondeu que era porque todos tinham desenhado cérebros com gavetas e provavelmente ele não havia entendido direito. O desenho do Wellington foi o vencedor e está presente até hoje em minhas telas ilustrando a ideia da aprendizagem como acumulação de conhecimentos.

O episódio me fez refletir sobre o que tinha levado os alunos a não criarem novos desenhos e encararem meu exemplo como um modelo a ser seguido. Ocorreram-se duas explicações básicas. A primeira é que de tanto serem “formatados” a seguir modelos, os alunos não concebem a ideia de ser criativos. A segunda é que eu não deveria ter explicado tanto, muito menos ter dado um exemplo, pois isso só reforça a “formatação” a que me refiro. Essa formatação é tão forte que alguns professores desistem de ser provocadores em sala de aula, em função da resistência dos alunos que pedem insistentemente um modelo para seguir. É o resultado de uma escola que, durante séculos, entregou o peixe já mastigado, cabendo ao aluno apenas engolir.

Cabe a nós, professores, refletir sobre o porquê de nossas atitudes em sala de aula. Essa tarefa nos leva a uma questão fundamental: como aprendemos a ser professores? Quem nos ensinou a dar aulas do jeito que damos aula? Responder essas questões nos leva a pensar em como constru-

ímos nossa identidade docente. Aprendemos a ser professores com os professores que nos deram aulas ao longo da vida. É um processo quase inconsciente. Nossos trejeitos, manias e crenças foram todos incorporados a partir da observação e convívio com outros professores e eles, em sua esmagadora maioria, acreditavam que o conhecimento estava em suas cabeças e que o papel do professor é transferir o conteúdo de sua cabeça para a cabeça do aluno. Nesse processo, a explicação detalhada e exaustiva tem um papel essencial.

Com o avanço das pesquisas na área cognitiva e das neurociências, pudemos descobrir que o cérebro aprende mais significativamente quando é desafiado e não quando recebe as respostas prontas. A compreensão do significado ocorre de forma muito mais forte e profunda quando o aluno tem a oportunidade de construir hipóteses a partir do sentido inicial que atribuiu ao conteúdo.

É preciso, então, que nos desvinculemos da crença tão enraizada pela escola de que a aprendizagem é um simples processo de transferência de informações. Aprender significativamente exige correr riscos, fazer tentativas, buscar saídas. O papel do professor nesse contexto é o de um estrategista que elabora situações para que a aprendizagem ocorra, coisa que muita explicação atrapalha mais do que ajuda. Nosso papel deve ser muito mais o de ensinar a pescar do que o de entregar o peixe mastigado. A razão? Muito simples. Transformar o mundo exige muito mais “pescadores” do que simples “engolidores”.

Assista vídeo sobre esse tema no Canal Sala dos Professores no Youtube:
https://www.youtube.com/channel/UCJLfgAwlBR_1ANS3eU9xvQ

*Júlio Furtado, mestre em Educação pela UFPI. Pós-graduado em Orientação Educacional. Doutor em Ciências da Educação e Diplomado em Psicopedagogia pela Universidade de Havana, Cuba. Graduado em Pedagogia. Escritor. Palestrante.

POR DENTRO

CPU

Sigla para Central Processing Unit – em português, unidade central de processamento. É a parte de um sistema computacional que executa as instruções de um programa de computador a fim de desempenhar a aritmética básica, a lógica e a entrada e saída de dados. O formato das CPUs foi se modificando ao longo do tempo e sua implementação mudou drasticamente desde os primeiros modelos. Seu funcionamento fundamental, porém, continua basicamente o mesmo. Os maiores avanços no desempenho das CPUs se deram em função da miniaturização de seus componentes de modo a tornar mais eficiente sua capacidade de processamento.

CONCEITO



CRIATIVIDADE

A expressão da criatividade é fruto da complexidade do contexto social e do desenvolvimento natural e humano de um indivíduo dentro desse contexto. O potencial de criatividade se apresenta na capacidade de um indivíduo criativo em construir e reconstruir, transformando a realidade por meio de seus pensamentos e ações motivados pela criatividade. Todos temos uma capacidade criativa que pode e deve ser melhor desenvolvida. Se ela não for exercitada, a tendência é o indivíduo estacionar em sua forma de pensar.